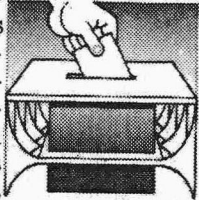


A onda Collor avança nos Estados

Ele não perdoa: nos seis principais Estados brasileiros, que juntos somam 73,5 milhões de habitantes



e 45,8 milhões de eleitores (cerca de 60% dos votantes do País), Fernando Collor de Mello (PRN) é praticamente senhor absoluto. E ameaça redutos eleitorais de adversários, onde fiéis eleitores vão incorporando a seu vocabulário, com a maior facilidade, o verbo collorir. Apesar de a maioria dos gaúchos e grande parte dos cariocas não se terem esquecido de como se conjuga o verbo brizolar, o pedetista Leonel Brizola está ficando fora de moda. Collor é a tendência nacional, se infiltra, invade espaços. "Por enquanto", preferem acreditar desesperados concorrentes.

Todos os presidencialistas cobiçam o maior colégio eleitoral do País, São Paulo, campo que pode ser decisivo na batalha da sucessão. Emplacar no Estado significa ganhar força

para se impor aos demais. Collor é o favorito, para agonia dos outros candidatos, que lutam para inverter essa tendência que está virando mania. Sem bases sólidas, Brizola não convence os paulistas.

Mas se garante no Rio Grande do Sul: lá ainda é o preferido, embora Collor já balance esse feudo brizolista, tão ou mais importante que a fortaleza carioca. É no Rio de Janeiro que Brizola descansa apoiado em seu desempenho imbatível: tem 49% da preferência, conforme o Ibope.

Não tão definido como o fluminense, o eleitor de Minas Gerais ainda procura em quem votar. Já esteve inclinado por Brizola, por Lula e, agora, é a vez de Collor. Na Bahia, o vice de Ulysses, Waldir Pires, tem bom cacife, mas Collor já é o nome mais ouvido nas ruas. O PMDB, porém, confia no bairrismo baiano e no carisma de Waldir. No Paraná, o candidato do PRN empurra os adversários para baixo e bate Brizola de longe. A contragosto, até seus adversários admitem: "Ele é um fenômeno".



Ricardo Chaves/AE — 24/5/89

Collor comemora a preferência: é mania quase nacional



Newton Aguiar/AE — 10/4/89

Brizola: ameaçado até em seus redutos eleitorais